

Res., Soc. Dev. 2019; 8(2):e1782612
ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i2.612>

A filosofia da educação como problematizadora e reflexiva na formação docente
The philosophy of education as problematizing and reflective in teacher education
La filosofía de la educación como problematizadora y reflexiva en la formación docente

Leonardo Mendes Bezerra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1132-2139>

Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas

E-mail: lydimolive.com

Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho

Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas

E-mail: anacris.brito@hotmail.com

Láira de Cássia Barros Ferreira Maldaner

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1120-7376>

Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas

E-mail: laira_de_cassia@yahoo.com.br

Recebido: 30/08/2018 | Revisado: 26/09/2018 | Aceito: 01/10/2018 | Publicado: 18/10/2018

Resumo

Este artigo objetivou analisar a percepção dos egressos do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, sobre o componente curricular "Filosofia da Educação" na formação docente. A concepção das relações entre o pensar e o fazer pedagógico nas aulas de Filosofia da Educação pode ser um diferencial na formação docente. Metodologicamente, utilizou-se a pesquisa analítica e explicativa com auxílio da aplicação de questionários. O público foi selecionado pela amostra aleatória, sendo incluídos especialmente aqueles que atuavam na educação básica. A análise de conteúdo quantitativa e qualitativa sintetizou as principais categorias reveladas na pesquisa, a saber: 1. Filosofia da Educação: problematização e reflexão sobre as questões educacionais; 2. Pensamento crítico-reflexivo educacional no aspecto filosófico; 3. A constituição dos valores humanos na formação do cidadão. Diante disso, constatou-se que a disciplina proporcionou aos egressos subsídios para as ações problematizadoras, reflexivas e críticas sobre as questões pedagógicas de modo radical, rigorosa e de conjunto, conforme os preceitos propalados por Saviani.

Palavras-chave: Educação reflexiva. Valores humanos. Axiologia.

Abstract

This article aims to analyze the perception of graduates of the course of Letters of the State University of Maranhão, Campus Balsas, about the curricular component "Philosophy of Education" in teacher education. The conception of the relations between the thinking and the pedagogical doing in the Philosophy of Education classes can be a differential in the teacher formation. Methodologically, analytical and explanatory research was used with the aid of questionnaires. The public was selected by the random sample, especially those who worked in basic education. The analysis of quantitative and qualitative content summarized the main categories revealed in the research, namely: 1. Philosophy of Education: problematization and reflection on educational issues; 2. Critical-reflective educational thinking in the philosophical aspect; 3. The constitution of human values in the formation of the citizen. In view of this, it was found that the discipline provided the graduates with subsidies for problematizing, reflexive and critical actions on pedagogical issues in a radical, rigorous and joint manner, according to the precepts proposed by Saviani.

Keywords: Reflective education. Humans values. Axiology.

Resumen

Este artículo objetivó analizar la percepción de los egresados del curso de Letras de la Universidad Estatal de Maranhão, Campus Balsas, sobre el componente curricular "Filosofía de la Educación" en la formación docente. La concepción de las relaciones entre el pensar y el hacer pedagógico en las clases de Filosofía de la Educación puede ser un diferencial en la formación docente. Metodológicamente, se utilizó la investigación analítica y explicativa con ayuda de la aplicación de cuestionarios. El público fue seleccionado por la muestra aleatoria, siendo incluidos especialmente aquellos que actuaban en la educación básica. El análisis de contenido cuantitativo y cualitativo sintetizó las principales categorías reveladas en la investigación, a saber: 1. Filosofía de la Educación: problematización y reflexión sobre las cuestiones educativas; 2. Pensamiento crítico-reflexivo educativo en el aspecto filosófico; 3. La constitución de los valores humanos en la formación del ciudadano. En este sentido, se constató que la disciplina proporcionó a los egresados subsidios para las acciones problematizadoras, reflexivas y críticas sobre las cuestiones pedagógicas de modo radical, riguroso y de conjunto, conforme a los preceptos propalados por Saviani.

Palabras clave: Educación reflexiva. Valores humanos. Axiología.

1 Introdução

Os caminhos da formação inicial de professores são estudados sob diversos marcos temporais no que concerne aos avanços reconhecidos como retrocessos. Antes do surgimento do Decreto n.º19.851/1931, que instituiu o regime e o estatuto universitário brasileiro, registrou-se, em 1837, o primeiro curso de Bacharelado em Letras no Brasil, inaugurado no Colégio Pedro II, localizado no Rio de Janeiro (FIALHO; FIDELES, 2008). O supracitado decreto, conforme Romanelli (2005), fixou os fins do ensino universitário com o desígnio de majorar o nível cultural, estimular a investigação científica nos vários domínios do conhecimento, capacitar ao exercício técnico e científico, promover a educação das pessoas e da coletividade, a altivez da nação e a edificação da humanidade. Em seu artigo 5º, estipulou obrigatoriamente, para a constituição da universidade, pelo menos três dos seguintes cursos: Medicina, Engenharia, Direito e Educação, Ciências e Letras.

No advento do curso de Letras no Brasil, na Universidade de São Paulo, em 1934, e na Universidade do Distrito Federal, a partir de 1935, havia duas modalidades. A primeira era Letras clássica e portuguesa e a segunda era Letras estrangeira. Foram convidadas especialistas nessas áreas para iniciar o ensino superior em ambas as modalidades (FIORIN, 2006; OLIVEIRA, 2006). Somente em 1939 o curso se reorganizou em Letras clássicas, Letras neolatina e Letras anglo-germânica, permanecendo até 1962, apresentando uma visível orientação para os estudos literários abalizados nos conhecimentos gramaticais e históricos (BEZERRA; CARVALHO; LIMA, 2016).

A propósito, o curso de Letras, que tem uma grande orientação para os estudos literários, possui, de modo direto, aproximações com a Filosofia. Desde os filósofos pré-socráticos até os contemporâneos, há relação entre os pensamentos dos autores que utilizam dos recursos literários para produzir Filosofia, exemplos como Platão e Sartre. Na literatura, existem autores que expressam, em suas obras, profundas reflexões filosóficas, por exemplo, Homero e Shakespeare.

Em outras palavras, historicamente, os cursos de Letras, em suas habilitações, direcionavam-se para a compreensão literária. A língua era concebida como mecanismo para a leitura, escrita e análise textual. Nesse âmbito, os estudos da História, Filosofia e Literatura eram considerados essenciais para a formação do professor de línguas e literaturas (BEZERRA; CARVALHO; LIMA, 2016).

A Filosofia, enquanto componente curricular, constitui-se como elemento fundamental nos cursos de licenciatura. A Filosofia é uma forma de compreensão das relações

estabelecidas no mundo, por isso favorece reflexões profundas das problemáticas existentes em diversos contextos humanos, inclusive o educacional. Ao considerar que a educação é orientada axiologicamente por conceitos e finalidades, cabe refletir sobre o legítimo sentido e valor que ela possui para a sociedade e para a formação inicial do professor.

O currículo dos cursos de licenciatura é considerado pauta relevante nas reformas educacionais, quaisquer possibilidades de mudança na qualidade e nas finalidades da educação dependem massivamente da mudança na formação desses sujeitos. O processo formativo de docentes para atuar na educação escolar, sob qualquer ponto de vista existente, tem se revelado estratégico para as díspares concepções que fundamentam diferentes propostas. Diversas entidades (sindicais, empresariais, movimentos da sociedade civil, governantes e instituições formadoras) afluem aprioristicamente na relevância da educação formal para influenciar o cidadão em sua vida pessoal, profissional e sociopolítica (CURY, 2013).

O sentido real da educação ainda se conserva distante do seu sentido autêntico, que é uma educação para a vida, capaz de desenvolver as capacidades reflexivas e críticas dos seres humanos, de pessoas autoras de suas histórias nas mais diversas dimensões e possibilidades de existência, além da formação profissional. Nessa seara, uma das principais tarefas da Filosofia da Educação é a determinação dos valores e dos fins educativos mediante o exercício pedagógico da reflexão filosófica em uma tentativa de análise crítica dos discursos educacionais.

A formação inicial de professores dos cursos de Letras deve oferecer aos cursistas conteúdos sobre o processo de ensino-aprendizagem e domínio das técnicas instrumentais pedagógicas, bem como a reflexão da própria ação por meio da inter-relação entre saberes e práticas que abranjam diferenciados estilos educativos e reflexões críticas sobre a própria práxis (ALMEIDA FILHO, 2000; PAIVA, 2005).

Os conteúdos filosóficos podem proporcionar reflexões aprofundadas acerca da formação do ser humano. Desse modo, recorrer a esses saberes é ocupar-se da reflexão processual da educação, dos sistemas educativos, dos procedimentos didáticos, entre outros temas relacionados à pedagogia, com o fito de compreender as relações entre o sistema educativo e a humanidade. Recorrer à dúvida é reconhecer o *thauma*¹, é a gênese do ato de filosofar. Com efeito, a Filosofia da Educação assume o caráter reflexivo acerca dos

¹ A palavra grega “thaumazein” ou “thauma” significa espantar, cujo impulso é a admiração. Para Platão, no livro Teeteto, *Thauma* equivale à verdadeira característica do filósofo, pois a Filosofia se origina do espanto.

problemas da realidade. Ela não se resume a qualquer tipo de atividade reflexiva. Essa atividade precisa ser examinada com atenção e cuidado para desenvolver e exercitar o processo de conscientização crítica da realidade.

É corriqueiro para o professor deparar-se com questionamentos a respeito da utilidade da Filosofia da Educação nos cursos de licenciatura: o que é e para que serve a Filosofia da Educação? qual é a necessidade de estudar Filosofia da Educação se pretendo ser um professor de matemática, biologia, física...? Perante essas indagações, dada a obviedade da resposta, percebe-se a fragilidade no ensino de Filosofia da Educação para os cursos de formação inicial de professores.

É lamentável que o professor não consiga despertar o interesse dos discentes pela disciplina. Cabe destacar que não se pode confundir Filosofia da Educação com a história dos saberes e das ideias educacionais apresentados e defendidos por filósofos. Faz-se necessário que o docente se desloque da relação pedagógica do polo de ensino para o da aprendizagem, do polo do saber proferido para o desenvolvimento das capacidades interpretativas, reflexivas e críticas da aprendizagem, do polo da difusão da informação para o da construção do conhecimento.

Recorrer ao planejamento da disciplina é se deparar com a dúvida, é problematizar. Mas problematizar não é apenas elaborar perguntas. Essa identificação resulta, de forma insuficiente, para revelar a verdadeira especificidade do problema, a qual é desvelada sob diferentes aspectos, sob certas condições econômicas, sociais e intelectivas. Logo, é preciso despertar/potencializar nos alunos as atividades reflexivas e contextualizadas dos fenômenos educacionais e discuti-las à luz da literatura filosófica.

Por essa razão, a partir dos pressupostos teórico-filosóficos, inseridos no contexto dialógico da prática educativa, o professor direcionará o seu planejamento. Nessa conjuntura, deve buscar entender a forma como os aprendizes compreendem a Filosofia da Educação no processo formativo do docente. A competência pericial do professor corresponde a uma articulação dos saberes filosóficos, científicos e empíricos estritamente associados às condições de elaboração de perguntas que orientem o processo reflexivo e crítico na prática didática.

A par desses pressupostos, o objetivo do artigo é analisar as formas de compreensão que os estudantes do curso de Licenciatura em Letras têm sobre a Filosofia da Educação como campo do saber da prática profissional docente. Com o intento de atingir o objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica concomitante à análise dos questionários aplicados aos

discentes de quatro turmas da referida graduação em uma universidade pública, localizada no Sul do Maranhão.

2 A Filosofia da Educação na formação inicial de professores

No que diz respeito à formação inicial do professor de línguas e literaturas, o curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, criado em 1995, tanto nos programas institucionais quanto na modalidade regular, oferece aos futuros docentes condições necessárias à construção identitária para desenvolver competências profissionais fundamentais para as ações reflexivas das atividades de ensino-aprendizagem.

Na formação inicial do professor de Letras, no concernente ao estágio supervisionado, em consenso com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996, as Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 – CEPE/UEMA, recomendam que o estágio Curricular Supervisionado possibilite ao universitário condições propícias ao desenvolvimento de sua práxis docente, o que corresponde a 405 (quatrocentos e cinco) horas (BEZERRA; CARVALHO; LIMA, 2016; UEMA, 2013).

Discorrer acerca da formação do professor de línguas e literatura da UEMA não perpassa apenas pelos pressupostos teórico-práticos sobre o ensino, mas também pela inserção dos acadêmicos na realidade da escola e do ensino. Por isso, questiona-se: qual é o papel da Filosofia da Educação ofertada no curso de Letras da UEMA?

Indubitavelmente, tratar sobre questões assinaladas na referida disciplina remete ao campo da didática e serve de elemento articulador entre teoria e prática. A Filosofia da Educação, uma disciplina que visa a formação reflexiva e crítica, fundamentada nos fenômenos educacionais e discutidas à luz das teorias filosóficas, exige uma reinterpretação do modo de pensar a realidade.

Diante disso, analisar a forma como é trabalhada e como os egressos veem a disciplina na formação de professores é fundamental para conhecer a realidade e a possível importância da disciplina no curso de licenciatura.

2.1 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa exploratória, analítica e explicativa, por propor identificar e analisar o entendimento dos acadêmicos em relação às contribuições que a disciplina Filosofia da Educação proporciona na formação inicial do professor. A pesquisa bibliográfica e de

campo assentou-se em apontar e refletir pontos fundamentais para a formação inicial de professores no curso de Letras da UEMA, Campus Balsas. Composto uma amostra aleatória, aplicou-se questionário para uma equipe composta por 28 egressos, que se graduaram no período de 2012 a 2017.

Os dados obtidos nas respostas das questões objetivas dos questionários foram quantificados por meio do cálculo percentual. Já nas respostas subjetivas, realizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016): 1. Leitura e recorte das informações principais dos conteúdos; 2. Organização dos recortes por afinidades; 3. Quantificação dos conteúdos organizados por afinidades (pré-categorias); 4. Releitura dos dados que mais se destacaram para elaboração das categorias analíticas. A elaboração dessas categorias orientou a explicação dos fatos informados pelos sujeitos informantes da pesquisa, o que foi realizado com base na literatura e refletido fundamentalmente com a experiência que se tem em ministrar a referida disciplina nos cursos de formação de professores.

2.2 A filosofia na formação do educador

Mencionar a acepção e a empreitada da Filosofia da Educação implica destacar que toda educação possui uma orientação axiológica. Na verdade, os saberes filosóficos, um complexo coligado ao enredamento próprio das questões educacionais, originam aporias no instante em que o professor de Filosofia da Educação organiza e aplica o saber, visando mediar, no sentido vygostkiano, a construção do conhecimento dos acadêmicos do curso de licenciatura em Letras.

A fim de traçar um panorama da situação atual dessa disciplina, foram organizados os dados para elaborar as categorias analíticas. O Quadro 1 apresenta os resultados das informações-chave – palavra ou frase – relacionadas à Filosofia da Educação enquanto disciplina significativa na formação de professores.

Quadro 1 – Resultado das pré-categorias

Pré-categorias	Frequência
A Filosofia da Educação ensina a problematizar os assuntos educacionais	59
A ação reflexiva educacional compreendida na Filosofia da Educação	50
O pensamento lógico, organizado e reflexivo da Filosofia da Educação	44
O despertar para o posicionamento crítico por meio da Filosofia da Educação	39
A Filosofia da Educação enquanto colaboradora na formação humana	33
A prática dos professores orientada pela Filosofia da Educação	28
A Filosofia da Educação enquanto prática potencializadora das ações comunicativas	17
A Filosofia da Educação, a afetividade docente e o respeito do ser humano	16

FONTE: BEZERRA (2017)

As pré-categorias foram organizadas de modo decrescente para indicar a frequência de repetições das informações. Nestas informações, a filosofia e o ensino de filosofia apresentam-se atreladas à formação docente. A partir daí, deu-se prosseguimento ao processo de percepções analítico-empíricas por meio da leitura sintópica (CAMPOS, 2016). A análise sintópica versou em perpetrar um atrelamento que envolvesse as conjecturas teóricas com os dados nascidos das principais informações mostradas pelos egressos do curso de Letras. Assim, os resultados dessas percepções se apresentaram nas seguintes categorias, conforme apresentadas no Quadro 2:

Quadro 2 – Síntese das categorias analíticas

Ordem	Categoria analítica
1ª categoria	Filosofia da Educação: problematização e reflexão sobre as questões educacionais
2ª categoria	Pensamento analítico e crítico-reflexivo no aspecto filosófico educacional
3ª categoria	A constituição dos valores humanos na formação do cidadão

FONTE: BEZERRA (2017)

Na primeira categoria, discutiu-se a questão da Filosofia como disciplina que auxilia a elaboração de problemas e reflexões acerca dos diversos assuntos educacionais nos mais variados contextos socioeducacionais. A segunda categoria expõe as contribuições que a Filosofia da Educação traz para o afloramento do pensamento crítico e reflexivo das questões pedagógicas, sob vários vieses e sentidos interpretativos. Na última categoria, apresenta-se a constituição dos valores humanos elaborados pela reflexão das práticas docentes quanto à afetividade e comunicação na formação humana, destacando-se, assim, os aspectos éticos das relações humanas.

2.2.1 Filosofia da Educação: problematização e reflexão sobre as questões educacionais

Na visão dos egressos do curso de Letras, a Filosofia da Educação é uma disciplina que oportuniza aos futuros professores elaborar problemas concernentes à educação. O quadro 3 apresenta os argumentos recortados das questões subjetivas sobre “a relevância da Filosofia da Educação nos cursos de licenciatura”.

Quadro 3 – Argumentos apresentados sobre Filosofia da Educação

Argumentos	Porcentagem
Elaborar problemas parte da elaboração de perguntas	40%
Elaborar problemas é ter consciência da realidade	40%
Problematizar exige reflexão	20%

FONTE: BEZERRA (2017)

Os egressos do curso de letras apontam que a disciplina Filosofia da Educação é importante para a formação inicial de professores, por colaborar com a elaboração consciente de perguntas que exigem a reflexão. Partindo dos tentames do cotidiano e de estudos já efetivados, observam-se dificuldades, questões colidentes, busca por refinamento e outros fatores dos quais se pode extrair um assunto de estudo, necessidade e/ou curiosidade e gerar perguntas que fundamentarão uma situação-problema.

Estabelece-se nesse argumento a visão de situações de estudos. Quando o docente problematiza o conceito e a realidade educacional, buscou-se atingir maiores níveis de generalização. Dessa forma, os graduandos passam a ver o objeto educacional (uma situação real) de modo mais elaborado. Portanto, essa condição de estudo possui a função de significação das linguagens que se tornam um debate conceitual. Para proporcionar essa situação de ensino, cabe ao docente conhecer os conceitos filosóficos essenciais sobre os assuntos e relacioná-los à realidade (GEHLEN, 2009).

Constata-se, nas aulas de Filosofia da Educação, que um dos usos mais frequentes da palavra “problema” remete ao sinônimo de indagação e questão. O problema deve ser problemático e problematizado. Problematizar não se refere apenas a formular questões, é olhar para situações e/ou objetos com uma desconstrução das noções de verdadeiro/falso, certo/errado, etc. Problematizar é afastar-se dos argumentos abnóxios. Esses argumentos, mesmo possuindo forma típica (conjunto de premissas e conclusão), não são válidos pela lógica formal.

Como referência no contexto pedagógico, Paulo Freire, em suas diversas obras, enfatiza a ação de problematizar a realidade que rodeia o sujeito na busca de explicações e soluções que transformem a realidade pela práxis do sujeito. Consequentemente, ao transformar a realidade, o sujeito se transforma no ato de problematizar e consegue detectar novos problemas na sua realidade. A dialética engaja os atores (educador-educando), que atrelados, apreendem as experiências vividas e uma concepção mais crítica da realidade. Na ação problematizadora, ambos os atores (re)constroem conhecimentos mediados pelo mundo (FREIRE, 2016).

A ação educativa problematizadora sugere que se façam cotidianamente análises e que não se coloquem os padrões como referências e/ou verdades, e sim que os conhecimentos são construídos no bojo das vivências. Ciente disso, a Filosofia da Educação não tem a função de fixar princípios e objetivos para a educação, também não se pode encará-la, em resumo, como teoria geral da educação ou história do pensamento educacional. Sua função, de acordo com

Saviani (1975) é acompanhar as atividades educativas de modo reflexivo e crítico para explicitar seus fundamentos, aclarar a empreitada e o aporte das disciplinas pedagógicas e ponderar o significado das soluções optadas.

Ensinar os estudantes a problematizar é permitir a reflexão sobre si e sobre as relações que possuem com o mundo. Baisiegel (2010) defende que a prática problematizadora desperta nos seres humanos sua situação como problema. Os acadêmicos de Letras, nesse sentido, devem ser capazes de perceberem-se enquanto percebem a realidade com capacidades de objetiva-la. Assim, a tomada de consciência da conjuntura impulsiona a apropriação da realidade histórica, e como tal, proporcionar capacidades de transformações, mediadas pelos acadêmicos.

Com vistas a proporcionar uma educação problematizadora nas aulas de Filosofia da Educação, o professor deve assumir-se enquanto sujeito de sua história, desenvolvendo uma ação reflexiva das condições atuais da educação. Faz-se necessário que o professor transcenda suas atividades, dando sentido para os estudantes participarem, a fim de desenvolver a visão crítica dos alunos e, conseqüentemente, construir a sua identidade profissional (BEZERRA; SILVA, 2018).

Sem sombra de dúvidas, o docente que atua nos cursos de licenciatura deve conhecer os estudantes e preparar um tema gerador de informações que se estabeleçam com a formação docente e com a realidade do sistema educacional. O planejamento do tema, na abordagem problematizadora, exige dos docentes do ensino superior uma ampla clareza e disposição para transcender o modelo de aula tradicional/positivista, conhecida como pedagogia bancária.

O professor de Filosofia da Educação que pretende trabalhar com a concepção problematizadora do ensino não deve seguir os parâmetros de uma educação bancária. Silva e Muraro (2013) corroboram Freire (2016) ao informarem que a visão bancária da educação não consegue fomentar o pensamento crítico, porquanto nela predomina o discurso de que o professor é o detentor do conhecimento e os alunos são os receptáculos das informações que recebem, aos quais cabe memorizar e reproduzir.

Atuar no ensino de Filosofia da Educação é desafiar o educando a produzir sua própria compreensão do processo de ensino-aprendizagem, é instigar o acadêmico a se orientar no sentido de libertar-se e viver como um ser-para-si, e não um ser-para-outro, um ser alienado, que imita o outro. Neste sentido, a construção da identidade pessoal é tornar-se a si mesmo, pois quando as pessoas imitam de modo subserviente outras culturas, a sociedade torna-se alienada ou sociedade-objeto (FREIRE, 2011).

Cabe aos professores de Filosofia da Educação contemplar a consumação das empreitadas do pensamento e muitos são os instrumentos que podem utilizar na preparação e execução das aulas, não se deve reduzir tão somente aos textos filosóficos. Basicamente, é indispensável sensibilizar os estudantes sobre a acuidade em se arrazoar os temas, expor conceitos, definições e problematizar os assuntos com os saberes empíricos discentes e, por último, é necessário relacionar as reflexões com as teorias filosóficas (BEZERRA; SILVA, 2018).

Como efeito, se o professor de Filosofia não for problematizador, reflexivo e crítico, ele não terá condições de ensinar na práxis tais posturas. Refletir criticamente os aspectos educativos exige, pois, um conjunto de três requisitos, os quais serão apresentados posteriormente.

2.2.2 Pensamento crítico-reflexivo educacional no aspecto filosófico

Na conjuntura político-social-epistemológica da atualidade, marcada pelas relevantes descobertas tecnológicas e pelas reformas das políticas públicas educacionais, os sujeitos correm o risco de se tornarem reificados e passivos, ou seja, alienados, nos dizeres de Karl Marx. O ato de não tornar-se alienado é reconhecer-se enquanto sujeito-de-si e não sujeito-do-outro para/pelo outro. As pessoas podem transcender suas condições de seres-objeto para seres-sujeito, à medida que o sujeito pensante reflita sobre sua condição existencial. Essa condição deve superar a alienação e ser fomentada no ato de pensar certo e autêntico, no processo de humanização (FREIRE, 2016).

Os conteúdos da filosofia da educação devem proporcionar aos estudantes o desenvolvimento das potencialidades reflexivas e reconhecer-se identitariamente como sujeitos-de-si e para si. Em meio a necessidade de libertação do sujeito de resignação para uma prática, mediada pelas teorias, os docentes podem empreender a caminhada estudantil rumo a sua emancipação crítica, por meio do agir comunicativo, a partir do entendimento filosófico (BEZERRA; SILVA, 2018)

Não se pode negar que existem desafios para os professores de Filosofia ensinar os acadêmicos de Letras a desenvolverem o pensamento reflexivo e crítico. Caberia aos professores de Filosofia da Educação iluminar, no sentido de despertar, o pensamento e a libertação do sujeito – o professor em formação?

Refletir sobre essa questão implica dizer que o professor deve ensinar os graduandos a refletir, a desviar da direção já estabelecida e dada como correta. Refletir é pensar

conscientemente sobre si, é verificar, examinar detidamente, prestar atenção, analisar cuidadosamente, é o ato de revisar dados, buscar significados (SAVIANI, 1975).

Retornar ao ato de (re)considerar, de modo investigativo, é buscar significados por meio da análise das vivências da realidade e discuti-las sob a luz das teorias filosóficas. Comumente, estudantes de licenciatura questionam sobre a utilidade da Filosofia da Educação, já que existem outras teorias que dão suporte para a formação do professor. O Quadro 4 apresenta os argumentos sintetizados a respeito dessa filosofia, de sua utilidade na sala de aula e na formação inicial do professor.

Quadro 4 – Argumentos apresentados sobre a utilidade da Filosofia da Educação na sala de aula

Argumentos	Porcentagem
Aprender Filosofia da Educação é aprender a refletir sobre a educação	60%
A Filosofia da Educação proporciona o pensamento crítico da realidade educacional	30%
Exercitar o pensamento sobre os vários âmbitos educativos	10%

FONTE: BEZERRA (2017)

É importante dizer que a Filosofia e a educação se esbarram no espaço da compreensão coerente e organizada sobre a realidade a partir dos anseios, desejos e aspirações (LUCKESI, 2011; GILES, 1983). Assim, aprender Filosofia da educação, conforme 60% dos egressos, é aprender a refletir sobre a educação. A filosofia tem o papel de traduzir o sentir, o pensar e o agir humano (LUCKESI, 2011), enquanto a educação é uma ponte nesse processo e contribui para o crescimento pessoal, intelectual e profissional do ser humano.

Logo, os docentes de Filosofia da Educação devem ensinar a refletir e a desenvolver o posicionamento crítico enquanto exercício do pensamento? O professor de Filosofia da Educação deve investigar parte dos saberes advindos do contexto vivido para realizar a crítica axiológica, dos valores decadentes para os novos valores, investigando e questionando a respeito de que ser humano quer se educar/formar para sociedade (ARANHA, 2000).

Quantitativamente 30% dos egressos apontaram que a Filosofia da Educação proporciona o desenvolvimento crítico da realidade educacional. Com efeito, a Filosofia, além de partir da admiração/espanto, busca, também, problematizar, refletir e criticar os problemas apresentados pela realidade pedagógica. Para tanto, Saviani (1975) aponta três requisitos: a radicalidade, o rigor e a globalidade.

É necessário que os docentes ensinem aos acadêmicos de Letras que a radicalidade da Filosofia exige, em seu sentido imediato, a elaboração de problemas e a operação de uma

reflexão em profundidade. O rigor da Filosofia deve proceder sistematicamente conforme determinados métodos e colocar em dúvida as conclusões dos saberes empíricos e as generalizações aligeiradas que podem ser ensejadas pela ciência. E o rigor de globalidade estabelece que o problema deve ser examinado em conjunto para relacionar com a práxis pedagógica. Assim, destaca-se que a filosofia não tem um objeto rígido de estudo, ela direciona-se a qualquer aspecto da realidade, desde que seja problematizado; o campo de ação da filosofia é o problema/problematização (SAVIANI, 1975).

Exercitar o pensamento sobre os vários âmbitos educativos é uma das atribuições da disciplina Filosofia da Educação apresentada por 10% dos egressos. No âmbito pedagógico, a Filosofia da Educação mostra aos educadores questões axiológicas, epistemológicas, antropológicas e políticas. Os docentes não devem oprimir os acadêmicos com aulas enrijecidas de teorias descontextualizadas e mensurar a aprendizagem pela memorização das informações. Consoante pontuado por Aranha (2000), a filosofia não tem o objetivo de adestrar ou de proporcionar qualquer forma de pseudo-educação, nem tornar a pedagogia em dogmática.

A Filosofia da Educação ensina a pensar de forma sistematizada, consciente e reflexiva, a (re) pensar sobre o próprio pensamento, a chegar à “compreensão-reflexo-ação”. Com isso, a práxis pedagógica procederá mais lúcida e coerente. A reflexão apenas é legítima quando remete as ações sempre ao concreto, em que os fatos procuram esclarecer.

Como o exercício do pensamento deve ser desenvolvido nas aulas de Filosofia, torna-se imprescindível ensinar e praticar os três requisitos estipulados por Saviani (1975). É necessário possuir um rigor do pensamento, elaborar problemas e analisá-los contextualmente nas teorias filosóficas. Nesse ponto, Kierkegaard (2013) destaca que, no exercício do pensamento, é preciso entender que os docentes precisam voltar para o ato de pensar que, incluídamente se tome consciência de si, do conjunto de condições sob o pensamento.

As capacidades exercidas pelos professores de Filosofia, quando planejadas, proporcionam um processo de ensino significativo. De acordo com Bezerra e Silva (2018), inicialmente os docentes precisam sensibilizar os discentes acerca da discussão sobre o tema; expor definições; conceitos; elaborar problematizações, considerando os saberes empíricos dos estudantes e, derradeiramente, interligar as reflexões com as teorias da filosofia.

Entende-se que os docentes de Filosofia da Educação devem contribuir para que o pensamento reflexivo/crítico esteja articulado com as ações comunicativas/dialogadas e afetivas no processo de ensino e aprendizagem. Dito de outro modo, a Filosofia contribui com a educação ao não permitir que ela seja meramente um modo de treinamento.

2.2.3 A constituição dos valores humanos na formação do cidadão

Os valores humanos, presentes nas religiões e filosofias, unem e libertam as pessoas do egocentrismo e da insignificância, diluem preconceitos e dignificam a conduta humana. Assim, “Os valores são crenças hierarquizadas sobre estilos de vida e formas de existência que orientam nossas atitudes e comportamentos” (ROS, 2006, p. 96). Já nos estudos de Gouveia (2008, p. 55), são admitidas cinco características consensuais para definir os valores: “(a) são conceitos ou categorias sobre estados desejáveis de existência; (b) transcendem situações específicas; (c) assumem diferentes graus de importância; (d) guiam a seleção ou avaliação de comportamentos e eventos, e (e) representam cognitivamente as necessidades humanas.”

Pensando nos valores enquanto estados existenciais, representativos das necessidades humanas e avaliação de comportamentos, pode-se dizer que a educação deve proporcionar a construção do caráter dos estudantes. Desse modo, o remate da educação é o caráter. A integração humana deve ser o fim do processo educativo, e infelizmente os planejadores da educação a tem ignorado. O resultado dessa displicência é um mundo a beira do caos (SAIBABA, 2000).

Fundamentado nos argumentos dos egressos do curso de Letras a respeito da Filosofia da Educação em suas práticas educativas, o quadro 4 apresenta os resultados sobre a influência do componente curricular na atuação dos professores da educação básica.

Quadro 5 – Argumentos apresentados sobre a influência da Filosofia da Educação na prática dos professores da educação básica

Argumentos	Porcentagem
Valorizar os humanos de forma singularizada e subjetiva enquanto seres pessoais e sociais	40%
Formação do cidadão enquanto sujeito livre para exercer o pensamento	30%
Desenvolver as ações comunicativas e dialogadas no contexto educativo	10%

FONTE: BEZERRA (2017)

Percebe-se que a singularidade, termo empiricamente utilizado para apresentar as características comportamentais e físicas das pessoas, é o que distingue uma pessoa das outras, é aquilo que o torna único. Ela é fruto das condições históricas, sociais e materiais das transformações de comportamentos humanos e das formas de relacionamento com outras pessoas. Os argumentos apontados pelos egressos, 40%, destacam que a valorização dos seres humanos, de modo singular e subjetiva, enquanto seres sociais e individuais. Por essa

razão, os docentes de Filosofia devem considerar que os discentes precisam valorizar, e não apenas criticar ou excluir, aqueles que possuem características singulares. Os seres humanos são um complexo de singularidade, de subjetividade/objetividade e de afetividade, isso os torna sujeitos dotados de identidade e, conseqüentemente, de personalidade.

A subjetividade é orientada para a compreensão do psiquismo em nível histórico-cultural, e as funções psíquicas são entendidas como processo de significados. Ela é um sistema abstruso capaz de propagar por meio dos sentidos subjetivos uma variedade de aspectos objetivos da vida social (GONZALEZ REY, 2007, p. 19).

A subjetividade também é descrita através das formas da consciência – o eu, a pessoa, o cidadão e o sujeito epistemológico. O eu é a identidade formada pelas experiências psíquicas, é um conhecimento singular. A pessoa é representada pela consciência moral. A consciência política é personalizada nos cidadãos. Já o sujeito epistemológico equivale à consciência intelectual.

A respeito da influencia que a filosofia da educação na práxis docente apontaram que 30% dos egressos informaram que os professores de filosofia podem sensibilizar, conscientizar e potencializar nos estudantes as suas capacidades de exercitar o livre pensamento. Esse exercício exige uma ação subjetiva e auto-analítica de participação. Conforme Ghiraldelli Júnior (2007), a subjetividade é a instância da qual o ser humano, empiricamente ou abstratamente genérico, carece participar. Ao conseguir essa participação, torna-se sujeito consciente de seus pensamentos e responsável pelas suas ações e atitudes.

Aristóteles (2006), em sua obra “A política”, advoga que o ser humano é por natureza um ser político e cria vínculos sociais para satisfazer suas necessidades e desejos, e, por impulso natural, os seres humanos querem interagir com os demais. Por sua vez, Tomás de Aquino, com base na Filosofia do seu mestre, considera que as pessoas são animais sociais que precisam interagir com outros pares, salvo algumas exceções, como isolamento por doença ou alienação mental, por comunhão com Deus (para buscar aperfeiçoamento espiritual) e quando por infortúnio passa a viver isoladamente (como é o caso de naufrágio).

Mais adiante, afastando-se da visão antiga e medieval e com o advento do período moderno, filósofos como Hobbes e Rousseau asseveraram que a sociedade é uma concepção humana, cujo alicerce é o contrato, o qual poderia ser modificado ou desfeito.

Na obra “Leviatã”, Hobbes (2014) defende que o ser humano é mau por natureza, concorrente, astuto e ocupa apenas dois lugares na sociedade: dominante ou dominado. Para garantir sua sobrevivência, os seres humanos se afastam do estado natural – condição de impulsos, guerras, brutalidade e conflitos – para firmarem um contrato, transferindo o direito

de se autogovernarem para o estado, com o objetivo de proporcionar segurança e ordem para as pessoas.

Com pensamento diferente, Rousseau (2015), no livro “O contrato social”, afirma que o ser humano é bom por natureza e possui liberdade para direcionar seu pensamento e suas ações. A sociedade surge não pelo ato de sobrevivência humana, e sim pelo surgimento da propriedade privada. Esta é a responsável pela corrupção humana, a gênese, assim, de diversos conflitos sociais. A saída para desarraigar as desavenças foi a organização do Estado alicerçada não nos interesses privados, mas na vontade geral, dando início à democracia.

As aulas de Filosofia da Educação podem trabalhar com as temáticas políticas públicas educacionais, além de abordar questões de cunho subjetivo dos processos cognitivos da aprendizagem e suas relações com o ensino. Nesse bojo, a educação ocorre como forma de adestrar o estado natural das pessoas, com vistas à formação do cidadão. Caberia à Filosofia/Filosofia da Educação a imagem como instrumento fundamental no processo educativo?

A Filosofia da Educação pode ser entendida como tentativa de elaboração da visão integrada do ser humano às produções de conhecimento científicas. A Filosofia da Educação não pode ser fechada em si mesma. Ela deve ser constantemente uma atividade reflexiva e crítica em relação à educação, ao ser humano e às suas relações com o meio social (MASETTO, 2012). Para isso é necessário destacar a relevância do desenvolvimento das ações comunicativas e dialogadas na processo de ensino-aprendizagem. O quantitativo de 10% dos argumentos apresentados pelos egressos do curso de Letras destacaram a necessidade dos professores de filosofia em desenvolver as ações comunicativas e dialogadas no contexto educativo.

É necessário preparar os acadêmicos para a complexidade, para saber discernir o real da fantasia, a liberdade da falsa liberdade, aquilo que liberta da que escraviza. Preparar os acadêmicos para ações reflexivas e críticas é uma das atribuições da disciplina Filosofia da Educação, cabendo ao docente do curso de Letras atuar como mediador da reflexão dos saberes pedagógicos e filosóficos, dialogando efetivamente com a própria práxis educativa.

A mediação reflexiva é uma atividade complexa e exige do docente o conhecimento das ciências, da cultura, das artes, da didática, dos conteúdos relacionados à existência humana, com a sensibilidade pessoal e social (ANASTASIOU; PIMENTA, 2014). A tarefa educativa na formação docente é, além de conhecer os conteúdos formativos, potencializar as reflexões sobre a realidade humana, é descobrir métodos de reflexões que alcancem os

problemas educacionais, adentrando na sua complexidade e direcionando as ações para as soluções.

Além da tarefa educativa, também se destaca a tarefa humanista do docente. O humanismo, como referenciado por Paulo Freire (2004), deve perpassar pela ação docente problematizadora, de modo intencional, democrático e ético. Para tanto, é necessário que os docentes saibam que determinadas qualidades/virtudes como amorosidade, tolerância, humildade, respeito aos outros, disponibilidade à mudança, persistência são importantes no processo de ensino-aprendizagem. O importante na formação docente, conforme Freire (2014) não são os processos mecânicos de repetição dos saberes, e sim a compreensão axiológica das emoções, dos sentimentos, das vontades, da insegurança a ser sobrepujada pela segurança, do temor que, ao ser “educado”, vai acendendo a coragem.

A Filosofia da Educação, enquanto exercício do pensamento educativo, promove e provoca o discente, é um exercício a ser cumprido, pensado e experienciado. Ao estudar/ensinar Filosofia da Educação como exercício do pensamento pedagógico, não se fechando em esquemas acabados; os conceitos e as definições devem apoiar-se em movimentos reflexivos e críticos, pois a ação reflexiva precisa direcionar-se para os problemas vivenciados, para conceitualmente equacioná-los e buscar estratégias para solucioná-los (ASPIS; GALO, 2009).

Logo, é preciso, na práxis pedagógica, que o docente prepare os discentes para exercerem a cidadania. Essa atividade, de forma autônoma, ordena o entendimento e a reflexão acerca do pensamento humano. Conforme Bezerra e Silva (2018), competem aos professores optar por uma abordagem enfocada na percepção dos problemas filosóficos, embasados nos saberes empíricos e amparada pelos conhecimentos científicos. Essa postura proporcionaria aos estudantes do curso de Letras o entrosamento da filosofia enquanto saber direcionado para a vida cotidiana.

As aulas de Filosofia da Educação nos cursos de licenciatura fornecem subsídios significativos para a formação docente – o posicionamento interpretativo, crítico e reflexivo da realidade educativa. Adentrar na realidade filosófica da educação é abrir-se para o diálogo e para o reconhecimento dos professores – sejam em formação ou não, em (re)construírem os conhecimentos através da símile entre a teoria e a prática. Para isso, não basta ensinar conteúdos da Filosofia da Educação parafraseando pensamentos filosóficos e instruindo com a história do pensamento. É necessário que os conteúdos sejam ensinados de modo indissociável da sua acepção humana e social na formação docente (LIBANEO, 2013).

3 Considerações finais

Espera-se que o presente artigo possa contribuir para uma reflexão sobre o fazer-docente, no contexto da práxis pedagógica dos professores de Filosofia da Educação, para a formação inicial de professores. A Filosofia da Educação com conteúdo imprescindível para os cursos de formação docente, oferece meios para aprender a refletir sobre questões educacionais, analisa profundamente a complexidade educativa, proporciona a conscientização sobre a realidade pedagógica do sistema de ensino, auxilia no processo de problematização, além de contribuir na fundamentação de diferentes disciplinas pedagógicas para o desenvolvimento intelectual dos acadêmicos.

Os resultados da pesquisa apresentaram as preocupações com a formação docente em Letras, desde os vários marcos temporais, além de corroborarem a inquestionabilidade dos estudos da Filosofia da Educação nos cursos de licenciatura. Também se percebeu que a Filosofia da Educação exerce influência no processo de ensino e aprendizagem, estimulando a reflexão e o pensamento crítico da educação, por valorizar a singularidade/subjetividade dos seres humanos enquanto sujeitos sociais. A Filosofia da Educação não pode ficar presa aos modelos ideais de ensino, visto que a realidade pedagógica exige reflexão. É preciso questionar a legitimidade educativa que é um campo dinâmico e contraditório – que exige problematização e reflexão.

Visualizou-se que a disciplina supracitada viabiliza aos egressos do curso de Letras uma postura mais crítica e engajada, (re)pensando sobre a própria prática, uma vez que, pela reflexão filosófica, é possível conscientizar para construir – ou resgatar – as capacidades do pensamento crítico acerca das questões educacionais. Destacou-se que o pensamento crítico auxiliou os egressos do referido curso na análise dos discentes enquanto sujeitos subjetivos, requisito necessário para o desenvolvimento do pensamento.

Grosso modo, a Filosofia da Educação deve prestar seu papel à formação de educadores, já que oferece subsídios para as ações reflexivas acerca de questões pedagógicas, de modo radical, rigoroso e em conjunto, conforme os preceitos de Saviani. Nesse sentido, constatou-se que as aulas de Filosofia da Educação da UEMA, campus Balsas, têm oportunizado, com propriedade, atividades voltadas à análise e reflexão sob diferentes óticas na formação docente reflexiva, crítica e ética.

Haja vista que os resultados impetrados neste trabalho, sugerem-se temas para futuras investigações: 1. Analisar a relevância da filosofia da educação para a formação inicial dos professores com egressos de outros cursos de licenciatura; 2. Entender a forma que os

conceitos filosóficos influenciam a prática dos docentes da educação básica; 3. Investigar com os discentes das licenciaturas a importância dos saberes filosóficos para a concepção da realidade educativa.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Conhecer e desenvolver a competência profissional dos professores de LE. In: **Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa**. São Paulo: APLIESP, n.9, 2006, p.9-19.

ANASTASIOU, L. G.; PIMENTA, S. G. Didática e construção da identidade dos professores do ensino superior. In: **Docência do ensino superior**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014, p. 78-79.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ASPIS, R. L.; GALLO, S. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BEISIEGEL, C. R. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010 (Coleção os Pensadores-MEC).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, L. M.; CARVALHO, A. C. T. B.; LIMA, T. J. M. Os saberes necessários para a formação do professor: um olhar sob o prisma discente. In: **Anais III CONEDU**. Campina Grande: Realize, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID4322_15082016112210.pdf. Acesso em: 10 mai. 2018.

BEZERRA, L. M.; SILVA, M. N. S. Por que os professores de filosofia deveriam ensinar o direito à igualdade em sala de aula? **InterEspaço Revista de Geografia e interdisciplinaridade**. V. 4. N. 13. jan./abr. 2018, p. 198-217.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20/12/1996**. Estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília: 23/12/1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 2/2004**. Adia o prazo previsto no art. 15 da Resolução CNE/CP 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, 2004.

BRASIL. **Lei nº 11.738/2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art.60 do Ato As Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional para os profissionais do magistério público da educação básica, 2008.

BRASIL. **Lei Nº 12796 DE 04/04/2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dá outras providências, 1996.

CAMPOS, L. M. **A leitura sintópica (ou comparativa) na prática pedagógica**. (Monografia de Especialização) Pós-graduação lato sensu em Coordenação Pedagógica. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Universidade Federal de Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/54615/R%20-%20E%20-%20LEANDRO%20MACHADO%20CAMPOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 set. 2018

CURY, C. R. J. **A formação docente e a educação nacional**. 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/conselho.pdf>>. Acesso em 30 set. 2018.
FIALHO, D. S.; FIDELES, L. L. AS PRIMEIRAS FACULDADES DE LETRAS NO BRASIL. IN: **HELB – HISTÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL**. 2008. ANO 2 - Nº 2 - 1/2008

FIORIN, J. L. A Criação dos cursos de letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. In: **Revista Línguas e Letras**. Cascavel: UNIOESTE.V. 7 n. 12, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 38 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GEHLEN, S. T. **A função do problema no processo ensino - aprendizagem de ciências: contribuições de Freire e Vygotsky**. Florianópolis: UFSC, 2009. (Tese doutorado).

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é filosofia da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

GILES, T. R. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983, p.11-66.

GONZALEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. Os processos de construção da informação. São Paulo: CENAGE, 2007.

GOUVEIA, V.V.; MILFONT, T.L.; FISCHER, R.; SANTOS, W.S. Teoria funcionalista dos valores humanos. In: TEIXEIRA, M. L. M. **Valores Humanos & Gestão: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Senac, p. 47-80, 2008.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Martin Claret, 2014

KIERKEGAARD, S. **As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2012.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, L.E.M. **A instituição do ensino das línguas vivas no Brasil**: o caso da língua inglesa (1809-1890). 2006. 373 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PAIVA, V.L.M.O. O novo perfil dos cursos de licenciatura em letras. In: TOMICH, et al. (Org.). **A interculturalidade no ensino de inglês**. Florianópolis: UFSC, 2005. p. 345-363.

ROUSSEAU, J-J. **Do contrato social**. 2 ed. São Paulo: Editora Edipro , 2015

ROS, M. Valores, atitudes e comportamento: uma nova visita a um tema clássico. ROS, M.; GOUVEIA, V.V. **Psicologia social dos valores humanos**: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 87-114.

SAIBABA, S. A Verdadeira educação conduz à divindade. **Santhana Saranthi**, vol. 43, nº. 5, 2000.

SAVIANI, D. A filosofia na formação do educador. **Revista D/doto**, Edição nº 1, vol. 1, janeiro de 1975. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/A_filosofia_na_formao_do_educador.pdf.> Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, S.; MURARO, D. N. Relações entre o pensar e a educação na obra de Paulo Freire. **Revista eletrônica**: ensino de sociologia em debate. Edição Nº. 3, Vol. 1, jan./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid>. Acesso em: 12 mai. 2018.

UEMA. **Projeto político pedagógico do curso de licenciatura em letras – língua portuguesa, língua inglesa e respectivas literaturas**. Balsas: UEMA/CESBA, 2013.